

SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Formatado: Fonte: 20 pt,
Sublinhado, Cor da fonte: Preto

John Wesley

“Mas alguém dirá: como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?”.
(1 Co 15.35)

O Apóstolo tendo, no início deste capítulo, estabelecido firmemente a verdade da ressurreição de nosso Salvador, acrescenta: *“Agora, se Cristo ser pregado que ele ressuscitou dos mortos, como alguns entre vocês dizem que não existe ressurreição dos mortos?”*. Não pode mais parecer impossível a vocês que Deus poderia ressuscitar dos mortos; desde que vocês têm exemplo tão claro disto em nosso Senhor, que estava morto e está vivo; e o mesmo poder que ressuscitou Cristo deve também ser capaz de vivificar nossos corpos mortais.

“Mas alguns homens irão dizer: Como os mortos ressuscitam? E com que corpo eles vêm?”. Como essas coisas podem ser? Como é possível que esses corpos possam ressuscitar novamente, e se unirem às suas diversas almas que por muitos milhares de anos foram enterradas, ou tragadas pelo mar, ou devoradas pelo fogo? – que se emolduraram no mais fino pó, — aquele pó espalhado por sobre a face da terra, disperso, na mesma amplitude dos céus; — além disso, que tem submetido-se a dez mil mudanças, tem avolumado a terra, se tornado alimento de outras criaturas, e essas, novamente, alimento de outros homens? Como é possível que todas aquelas pequenas partes, que construíram o corpo de Abraão, possam ser novamente agrupadas, sem misturar com a poeira de outros corpos, serem todas colocadas na mesma ordem e postura que estavam antes, de maneira a construírem o mesmo corpo que sua alma, por ocasião de sua morte, abandonou? Ezequiel tinha de fato uma visão de um vale cheio de ossos secos, *“e ele ouviu um barulho, e observou um estremecimento, e os ossos se juntaram, osso a seu osso; os tendões e a carne vieram até eles, e a pele os cobriu, e o fôlego entrou neles, e eles reviveram e se puseram de pé”*. Isto poderia ser na visão. Mas que tudo isto, e muito mais, poderia, a tempo, ocorrer; que nossos ossos, depois de estarem esfarelados no pó, poderiam realmente se tornar homens viventes; que todas as pequenas partes das quais nossos corpos foram feitos, poderiam imediatamente, por uma exigência geral, se reunirem novamente, e cada uma reclamando e possuindo sua própria parte, até que, por fim, o todo estivesse perfeitamente reconstruído; que isto, eu diria, poderia ser feito, é uma coisa tão inacreditável, que nós não podemos ter qualquer noção a respeito. E podemos observar que os gentios estavam, ainda mais descontentes com este artigo da fé cristã; esta foi a última coisa que os gentios acreditaram; e é até hoje a principal objeção ao Cristianismo: *“Como são os mortos ressuscitados? Com que corpos virão?”*. Em minha pregação sobre essas palavras, eu devo fazer três coisas:

- I. Devo mostrar que a ressurreição do mesmo corpo que morrer e foi enterrado, contem nada inacreditável ou impossível nela.
- II. Devo descrever a diferença que as Escrituras fazem entre as qualidades do corpo glorificado e mortal.
- III. Devo traçar algumas inferências do todo.

I

Eu devo mostrar que a ressurreição do mesmo corpo que morreu, contém nada de inacreditável ou impossível nela.

Mas, antes de fazer isto, pode ser apropriado mencionar algumas razões nas quais este artigo de nossa fé está construído.

1. A clara noção de uma ressurreição requer que o mesmo corpo que morreu deva ressuscitar. Nada pode ser dito que ressuscitou novamente, a não ser o próprio corpo que morreu. Se Deus fornece a nossas almas, no último dia, um novo corpo, isto não pode ser chamado de ressurreição de nossos corpos; porque aquela palavra implica na recente produção do que havia antes.

2. Existem muitos lugares das Escrituras, que claramente declaram isto. São Paulo, no versículo 53 deste capítulo nos diz que *“isto que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade”*. [1 Cor. 15.53]. Agora, por este corpo mortal, e este corpo corruptível, pode apenas ser dito que aquele corpo que agora carregamos conosco, e que um dia se tornará em pó. A menção que as Escrituras fazem dos lugares em que os mortos ressuscitarão, mostra, mais além, que o mesmo corpo que morreu deverá ressuscitar. Assim, lemos em Daniel: *“Aqueles que dormem no pó da terra deverão despertar; alguns para a vida eterna, e alguns para ao vergonha e desprezo eterno”*. E nós podemos também observar que a mesma frase, do dormir e acordar, implica que, quando ressuscitarmos novamente dos mortos, nossos corpos serão os mesmos que eles são, quando despertamos do sono. Assim, novamente, nosso Senhor afirma, em (João 5.28-29) *“Porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação”*. Agora, se o mesmo corpo não ressuscitasse, que necessidade haveria de abrir as sepulturas, quando do fim do mundo? As sepulturas podem entregar nenhum corpo mas aqueles que jazem nela. Se não era para ressuscitarmos com os mesmos corpos com os quais morremos, então, eles poderiam descansar para sempre. A isto precisamos apenas acrescentar aquela palavra de São Paulo: *“O Senhor mudará este vil corpo, para que ele possa ser moldado como seu glorioso corpo. Agora, este corpo vil pode ser nenhum outro do que aquele com o qual estamos completamente cobertos, e que deverá ser restaurado novamente para a vida.*

Que em tudo isto, não existe coisa alguma inacreditável ou impossível, eu mostrarei, provando estas três coisas:

- (1) Que é possível para Deus manter e preservar sem mistura, de todos os outros corpos, a poeira específica, na qual nossos diversos corpos são dissolvidos, e pode reuni-la, e juntá-la novamente, por mais que esteja dispersa separadamente.
- (2) Que Deus pode formar daquela poeira assim reunida, no mesmo corpo em que estava anteriormente.
- (3) Que, quando ele tiver formado este corpo, ele pode vivificá-lo com a mesma alma que antes o habitou.

(4) 1. Deus pode distinguir e manter sem se misturar com todos os outros corpos a poeira específica em que nossos diversos corpos são dissolvidos, e pode reuni-la e juntá-la novamente, por mais que esteja dispersa separadamente. Deus é infinito, tanto em seu conhecimento, quanto em seu poder. Ele sabe o número de estrelas, e a chama todas por seus nomes; ele pode numerar as areias a beira-mar. E é, isto de modo algum inacreditável, que Ele pudesse conhecer distintamente as diversas partículas do pó do qual os corpos dos homens são moldurados, e discernido plenamente, a quem elas pertencem, e as várias mudanças que elas sofreram? Por que seria estranho que Ele, que a princípio nos formou, cujos olhos viu nossa essência, ainda sendo imperfeita, de quem não fomos ocultos quando fomos feitos em secreto, e curiosamente forjados nas partes mais inferiores da terra, pudesse conhecer cada parte de nossos corpos, e cada partícula de poeira da qual fomos compostos. O artista conhece cada parte do relógio que ele estruturou; e se ele se quebrasse, e as várias partes repousasse na maior desordem e confusão, ainda assim, ele poderia logo reuni-las, e tão facilmente distingui-las umas das outras, como se cada uma tivesse uma marca particular. Ele sabe o uso de cada uma, e pode rapidamente dar a ela seu lugar apropriado, e colocá-las todas, exatamente na mesma forma e ordem que estavam antes. E nós podemos pensar que o Altíssimo Construtor do mundo, de cuja obra somos, não sabe do que fomos feitos, ou não está familiarizado com as diversas partes, das quais este tabernáculo é composto? Todas essas estavam depositadas em uma imensa quantidade, quando da criação, até que ele as separou umas das outras, e estruturou-as nos corpos distintos, dos quais este belo mundo consiste. E por que o mesmo Poder não pode coletar as ruínas de nossos corpos corrompidos, e restaurá-los à sua condição anterior? Todas as partes nas quais os corpos humanos estão dissolvidos, embora nos pareçam negligentemente espalhadas sobre a face da terra, estão ainda assim cuidadosamente colocada pela disposição sábia de Deus, até o dia da restauração de todas as coisas. Elas estão preservadas nas águas e fogos, nos pássaros e bestas, até que a última trombeta os chamam para suas habitações anteriores.

“Mas”, eles argumentam, “*pode acontecer, algumas vezes, que os diversos corpos humanos possam consistir da mesma matéria. Porque os corpos dos homens são freqüentemente devorados por outros animais que são comidos por outros homens. Não, existem nações que se alimentam de carne humana; conseqüentemente, eles emprestam uma grande parte de seus corpos de outros homens. E se esta era parte do corpo humano se tornar, mais tarde, parte de outro homem, como podem ambos ressuscitar, no último dia, com o mesmo corpo que tinham anteriormente?*”. A isto pode facilmente ser respondido, que uma parte muito pequena do que é comido se torna alimento, a maior parte segue a ordem da natureza. De maneira que não é impossível, afinal, para Deus, que observa e governa tudo isto, assim ordenar as coisas; que o que é parte de um corpo humano, embora comido por outro, nunca se torne seu alimento; ou, se isto acontecer, que ele possa se desprender novamente, e, algum tempo depois de sua morte, separado dele, para que permaneça na capacidade de ser restaurado para o último dia ao seu primeiro dono.

2. Deus pode formar este pó, tão ligado juntos, no mesmo corpo que havia antes. E que é possível que devam possuí-lo todos que crêem que Deus criou Adão do pó da terra. Portanto, os corpos dos homens, se tornando pó, depois da morte, não é outro do que aquele que foi anteriormente; e o mesmo poder que a princípio o criou do pó, pode, tão facilmente reconstruí-lo, quando ele voltar ao pó novamente. Não isto, não é mais surpreendente do que formar um corpo humano no ventre, que é uma coisa que temos diariamente experimentado, e é, sem dúvida, tanto um exemplo tão singular do poder divino, quanto à ressurreição dele pode, possivelmente, ser. E não fosse uma coisa tão comum, dificilmente pensaríamos que fosse possível, que tal tecido maravilhoso como o corpo humano, com nervos e ossos, carne e veias, sangue e diversas outras partes que o consiste, pudesse ser formado; como agora somos, que, futuramente ele poderia ser reconstruído, depois de ser reduzido a pó. Tivéssemos apenas ouvido da produção maravilhosa dos corpos dos homens, estaríamos pronto para perguntar: “*Como os homens são feitos, e com quais corpos eles nascem?*”, como o fazemos agora, quando ouvimos sobre a ressurreição: “*Como os mortos ressuscitam, e com que corpos eles vêm?*”.

3. Quando Deus ressuscitar este corpo, ele poderá avivá-lo com a mesma alma que o habitou antes. E isto nós não podemos dizer que seja impossível de ser feito; porque já foi feito. Nosso Salvador estava morto, ressuscitou, e apareceu vivo aos seus discípulos e outros, que viveram com ele, muitos anos, e foram, então, completamente convencidos de que ele era a mesma pessoa que eles tinham visto morrer na cruz. Assim, eu mostrei que a ressurreição do mesmo corpo é, de modo algum, impossível a Deus; que o que ele prometeu, ele é também capaz de executar, através daquele “*poder altíssimo, através do qual, ele pode subjugar todas as coisas para si mesmo*”. Embora não possamos dizer exatamente a maneira como ele seria feito, ainda assim, isto, de maneira alguma, deveria enfraquecer nossa crença neste importante artigo de nossa fé. É suficiente que Ele, a quem todas as coisas são possíveis tenha dado sua palavra de que nos ressuscitará novamente. Que aqueles que ousam zombar da gloriosa esperança de todos os homens bons, e que levantam constantemente objeções contra ela, primeiro, experimentem sua habilidade nos vários aspectos da natureza. Deixe que eles expliquem tudo que eles vêem acontecer neste mundo, antes que falem das dificuldades de explicar a ressurreição. Eles podem me dizer como seus próprios corpos foram moldados e curiosamente forjados? Eles podem me dar um relato claro, através de quais passos ordenados, esta gloriosa estrutura majestosa, que revela tanta habilidade e plano raro, foi primeiramente criada? Qual foi a primeira gota de sangue feita; e como o coração, e veia e artérias a receberam? Do que, e através de que meios, os nervos e fibras foram feitos? O que fixou as pequenas articulações em seus lugares devidos, e as adequou para os diversos usos para os quais elas agora servem? Como o cérebro distinguiu-se das outras partes do corpo, e foi preenchido com vigor para mover e animar o todo? Como o corpo veio a ser protegido pelos ossos e nervos, revestido com pele e carne, e diferenciado em vários músculos? Que eles respondam a essas poucas questões a respeito do mecanismo de nossos próprios corpos, e eu responderei a todas as dificuldades concernentes à ressurreição deles. Mas, se eles não puderem fazer isto, sem recorrerem ao poder e sabedoria infinita da CAUSA PRIMEIRA, que eles saibam que o mesmo poder e sabedoria podem reanimá-los, depois que tornaram ao pó; e que não existe razão para duvidarmos disto, porque existem algumas circunstâncias pertencentes a ele que não podemos compreender perfeitamente ou dar um relato distinto dela.

II

Eu agora prossigo para a Segunda coisa que eu propus; que foi descrever a diferença que as Escrituras fazem, entre as qualidades de um corpo mortal e um corpo glorificado.

A mudança que será feita em nossos corpos, quando da ressurreição, de acordo com o relato bíblico, consistirá principalmente nestas quatro coisas:

- (1) Que nossos corpos ressuscitarão imortais e incorruptíveis;
- (2) Que eles ressuscitarão na glória;
- (3) Que eles ressuscitarão no poder;
- (4) Que eles ressuscitarão em corpos espirituais.

1. O corpo que teremos, na ressurreição, deverá ser imortal e incorruptível:

“Porque este corpo corruptível se tornará incorruptível; e este corpo mortal revista de imortalidade”. Agora, essas palavras, imortal e incorruptível, não apenas significam que não morremos mais (porque neste sentido o condenado é imortal e incorruptível), mas que estaremos perfeitamente livres de todos os males corpóreos que o pecado trouxe ao mundo; que nossos corpos não estarão sujeitos às enfermidades, ou dor, ou quaisquer outras inconveniências que possamos estar expostos diariamente. Isto as Escrituras chamam de *“a redenção de nossos corpos”*; — o livrá-los de todas as suas enfermidades. Se fôssemos recebê-los novamente, sujeitos a todas as fraquezas e misérias que somos forçados a combater, eu duvidaria que um homem sábio, se deixado a sua escolha, estaria disposto a utilizar-se do seu, novamente; — se ele não escolheria deixá-lo ainda podre na sepultura, preferivelmente a ser acorrentado a tal incômodo torrão de terra. Tal ressurreição seria, como um sábio gentio a chama, *“a ressurreição para um outro carneiro”*. Pareceria mais como a redenção para a morte novamente do que uma ressurreição à vida.

A melhor coisa que podemos dizer desta casa de argila, é que ela é uma construção em ruína, e não durará muito antes que caia ao solo; que ela não é nosso lar, — que buscamos por uma outra *“casa eterna nos céus”*; que não estaremos sempre confinados aqui, mas que, em pouco tempo, estaremos livres da escravidão da corrupção deste fardo de carne, para a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Como nossos corpos são frágeis! Quão rapidamente eles ficam desordenados! A que série de doenças, dores, e outras enfermidades, eles estão sujeitos! E como a menor indisposição perturba nossas mentes, e torna a própria vida um peso! De quantas partes consistem nossos corpos! Se uma delas estiver desordenada, todo o homem sofre. Mas, se um desses filamentos fracos dos quais nossa carne é feita, for esticado além de suas devidas proporções, ou corroído por algum temperamento afiado, ou destruído, que tormento ele cria! Além disso, quando nossos corpos estão em melhores condições, quantas dores temos para responder às suas necessidades; para prover seu sustento; para preservá-los na saúde, e mantê-los adequados, a algumas adaptações toleráveis para o uso de nossas almas! E o tempo que podemos gastar do nosso trabalho é tomado no descanso, e na renovação de nossos corpos cansados, e adequando-os novamente para o trabalho. Quanto, nós somos forçados, até mesmo naturalmente, nos confins da morte; até mesmo, a cessar de existir; — pelo menos, a passar tantas horas sem quaisquer pensamentos úteis ou racionais, meramente para mantê-los em

reparo! Mas nossa esperança e conforto são que possamos brevemente nos livrarmos deste fardo da carne: Quando “*Deus enxugará todas as lágrimas de nossos olhos, e não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem haverá mais alguma dor; porque as primeiras coisas já se passaram*”.

Ó, quando alcançaremos aquela fonte venturosa, onde nunca queixas foram, alguma vez, ouvidas; onde todos nós desfrutaremos de saúde ininterrupta, tanto do corpo quanto da mente, e nunca mais sermos expostos a algumas dessas inconveniências que perturbam nossa presente peregrinação. Quando tivermos passado, uma vez, da morte para a vida, estaremos livres de todos os cuidados preocupantes de nossos corpos, que agora tomam tanto de nosso tempo e pensamentos. Estaremos preparados, agora submetidos a suportar nossas vidas. Aqueles mantos de luz, com os quais seremos revestidos na ressurreição dos justos não permanecerá na necessidade daquelas provisões cuidadosas que são tão preocupantes para nós aqui, quer para obtê-las, ou ficarmos sem elas. Mas, como nosso Senhor nos diz, aqueles que serão considerados merecedores de alcançar aquele mundo, “*nem se casarão ou serão dados em casamento; nem poderão morrer mais, mas serão semelhantes aos anjos*”. Seus corpos não são nem objetos de doenças, nem necessitam daquele sustento diário que esses corpos mortais não podem ficar sem. “*Carne para o ventre e o ventre para carnes; mas Deus destruirá tanto um quanto o outro*”. Esta é aquela felicidade perfeita que todos os homens desfrutarão no outro mundo, — uma mente livre de toda a perturbação e culpa, em um corpo livre de todas as dores e enfermidades. Assim nossos corpos mortais ressuscitarão imortais. Eles não apenas serão preservados da morte (porque assim esses deveriam ser, se Deus se agradasse), mas a natureza deles mudará totalmente, de maneira a não reter as mesmas sementes da mortalidade; — eles não podem morrer mais.

2. Nossos corpos ressuscitarão na glória.

“*Então, o justo brilhará como o sol no reino de seu Pai*”. Uma semelhança disto, nós temos no brilho da face de Moisés, quando ele conversou com Deus sobre o monte. Sua face brilhou tanto, que os filhos de Israel ficaram com medo de aproximarem-se dele, até que ele a cobrisse com um véu. E aquela extraordinária majestade na face de Estevão pareceu uma garantia de sua glória. “*Todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo*”. Como assim, se ele brilhou tão gloriosamente até na terra, quanto mais brilhará no outro mundo, quando seu corpo, e os corpos de todos os santos se tornarem como o glorioso corpo de Cristo! Quão glorioso é o corpo de Cristo, nós podemos supor de sua transfiguração. São Pedro, quando viu isto; quando a face de nosso Senhor brilhou como o sol, e sua vestimenta tornou-se resplandecente e branca como a neve, elevou-se com alegria e admiração, de maneira que não soube o que dizer. Quando nosso Salvador revelou apenas um pouco daquela glória que ele agora possuía, e que, no devido tempo, ele concederá aos seus seguidores, ainda que pouco dela, fez com que o lugar parecesse um paraíso; e os discípulos, poderiam desejar nada melhor do que sempre viver semelhante a uma luz pura, e alegrar tão belo olhar. “*É bom para nós estarmos aqui: Vamos construir três tabernáculos*”; — aqui vamos fixar nossa moradia para sempre. E, se eles estavam felizes em apenas estar presentes com tais

corpos celestiais, e contemplá-los com seus olhos, quão mais felizes será habitar em tais mansões gloriosas e serem revestidos com tal esplendor!

Esta excelência de nossos corpos celestes provavelmente surgirá, em grande medida, da felicidade de nossas almas. A alegria inexplicável que nós sentiremos abrirá caminho em nossos corpos, e brilhará em nossos semblantes, como a alegria da alma até nesta vida tem alguma influência sobre o semblante rendendo mais livre e alegre. Assim Salomão nos diz: “*A sabedoria do homem faz sua face brilhar*”. A virtude, assim como ela refina o coração do homem, torna sua própria aparência mais alegre e cheia de vida.

3. Nossos corpos ressuscitarão no poder.

Isto expressa a vivacidade de nossos corpos celestes, a agilidade de seu movimento, através do qual eles serão instrumentos obedientes e capazes da alma. Neste estado, nossos corpos não são melhores do que pedaços de madeira e algemas, que confinam e restringem a liberdade da alma. O corpo corruptível pressiona a alma, e o tabernáculo terreno oprime a mente. Nossos corpos indolentes, inativos são freqüentemente incapazes, ou negligentes, para obedecer aos comandos da alma. Mas, na outra vida, “*eles que esperam no Senhor renovarão suas forças; eles subirão com asas, como águias, eles correrão e não se cansarão; caminharão e não desfalecerão*”. Ou, como um outro expressa isto: “*eles correrão de um lado para outro, como faíscas em meio aos restolhos*”. A velocidade de seus movimentos será igual o devorar do fogo em restolhos; e a altura dele, acima da fortaleza de uma águia; porque eles encontrarão o Senhor no ar, quando ele vier para o julgamento, e subirão com ele para os céus mais altos. Este corpo terreno é vagaroso e pesado em todos os seus movimentos, lânguidos e logo cansados com a ação. Mas nossos corpos celestes serão como fogo, tão ativos e tão ágeis como nossos pensamentos são.

4. Nossos corpos ressuscitarão em corpos espirituais.

Nossos espíritos são agora forçados a servir nossos corpos, a atender suas ociosidades, e depender grandemente deles para a maioria de suas ações. Mas nossos corpos deverão, então, servir totalmente aos nossos espíritos, e ministrar a eles, e depender deles. De maneira que, como através de “*um corpo natural*”, nós compreendemos algo adequado a este mundo inferior; a este estado terreno; por “*um corpo espiritual*”, entendemos algo que seja adequado ao estado espiritual, ao mundo invisível, à vida dos anjos. E de fato, esta é a diferença principal, entre um corpo mortal e um corpo glorificado. Esta carne é o inimigo mais perigoso que temos. Nós, portanto, negamos e renunciamos a ela em nosso batismo. Ela constantemente nos tenta para o mal. Todo sentido é uma cilada para nós. Toda sua luxúria e apetites são desordenados. Ela é ingovernável, e freqüentemente se rebela contra a razão. A lei em nossos membros guerreia com a lei de nossas mentes. Quando o espírito está propenso, a carne é fraca; de maneira que o melhor dos homens é forçado a mantê-lo submisso, e usá-lo dificilmente, a fim que ela não possa induzi-los à tolice e miséria. E como ela nos impede de todas as nossas devoções! Quão logo ela fatiga nossas mentes, quando empregadas nas coisas santas! Quão facilmente, através de seus prazeres encantadores, ela as desvia daqueles nobres exercícios! Mas,

quando tivermos obtido a ressurreição para a vida, nossos corpos serão espiritualizados, purificados, e refinados dessa grosseria terrena; então, serão instrumentos adequados para a alma em todas as suas atividades divinas e celestes; não estaremos mais fatigados de louvar a Deus, através das infinitas épocas.

Assim, depois do pouco que somos capazes de conceber sobre isto, parece suficientemente, que um corpo glorificado é infinitamente mais excelente e desejável do que este corpo vil. A única coisa que nos resta é traçar algumas inferências do todo.

III

1. Primeiro, do que se falou, podemos aprender o melhor caminho para nos prepararmos para viver naqueles corpos celestes; que é nos limparmos mais e mais de todas as afeições terrenas, e nos desprendermos deste corpo, e de todos os prazeres que são peculiares a ele. Nós deveremos começar nesta vida a soltar o nó entre nossas almas e esta carne mortal; refinar nossas afeições, e erguê-las das coisas abaixo para as coisas acima; elevar nossos pensamentos, e desatá-los das coisas presentes e conscientes, e acostumar-nos a pensar, e conversar sobre as coisas futuras e invisíveis, para que nossas almas, quando estiverem livres deste corpo terreno, possam estar preparadas para o corpo espiritual, como tendo testado os deleites espirituais anteriormente, e, em algum grau, se familiarizado com as coisas que nós então nos deparamos. Uma alma totalmente dedicada a este corpo terreno não está adequada para as mansões gloriosas acima. Uma mente sensual é tão apegada aos prazeres corpóreos, que ela não pode divertir-se sem eles; e não é capaz de saborear algum outro, embora infinitamente preferido aos demais. além disso, como seguem as inclinações de seus apetites carnis estão tão desqualificados para as alegrias celestiais, que eles poderiam apreciar a maior infelicidade ser revestida de um corpo espiritual. Seria como vestir um mendigo com mantos de um rei. Tais corpos gloriosos seriam desconfortáveis a eles; eles não saberiam o que fazer neles; eles ficariam satisfeitos de tirarem e colocarem seus trapos novamente. Mas, quando somos lavados da culpa de nossos pecados, e limpos de toda sujeira da carne e espírito, pela fé no Senhor Jesus Cristo, então, deveremos almejar nos desfazermos, e estarmos com nosso Salvador exaltado; devemos sempre estar prontos a voar para o outro mundo, onde deveremos, pelo menos, ter um corpo adequado aos nossos apetites espirituais.

2. Assim sendo, nós podemos considerar os diferentes graus da glória no mundo celestial. Porque, embora todos os filhos de Deus devam ter corpos gloriosos, ainda assim, a glória deles todos não deverá ser igual. *“Conforme uma estrela difere da outra na glória, assim também acontece na ressurreição dos mortos”*. Eles todos deverão brilhar como estrelas; mas aqueles que, pela diligência constante em fazer o bem, tiverem alcançado uma medida maior de pureza, brilharão mais intensamente do que outras. Eles deverão parecer como mais gloriosas estrelas. É certo que a maioria dos corpos celestes será dada à maioria das almas celestes; de maneira que este não se trata de pouco encorajamento à nós que possivelmente pudermos fazer o maior progresso, no conhecimento e amor de Deus, uma vez que, quanto mais privados das coisas da terra, agora, mais gloriosos nossos corpos serão na ressurreição.

3. Permita que esta consideração nos comprometa pacientemente a suportar quaisquer preocupações que possam existir na presente vida. O tempo de nossa redenção eterna se aproxima. Resistamos um pouco mais, e todas as lágrimas secarão de nossos olhos, e não mais lamentaremos ou teremos tristeza. E como logo, devemos esquecer de tudo o que sofreremos neste tabernáculo terreno, quando, uma vez, estivermos vestidos com a casa que é do alto! Estamos agora na jornada em direção ao lar, e para tanto esperamos nos deparar com muitas dificuldades; mas não será por muito tempo, antes, chegemos ao fim de nossa jornada, e isto corrigirá tudo. Nós deveremos, então, estar em um ancoradouro tranqüilo e seguro; fora do alcance de todas as tempestades e perigos. Devemos, então, nos sentir em casa, na casa de nosso Pai, não mais expostos às inconveniências que, por quanto tempo habitamos fora nestas tendas, estaremos sujeitos. E não vamos nos privar de toda esta felicidade, por falta de um pouco mais de paciência. Apenas resistamos até o fim, e receberemos uma recompensa abundante por todas os desconfortos áridos da inquietação de nossa passagem que deverá se tornar descanso e paz infinita.

Permita especialmente que isto nos fortaleça contra o medo da morte: Ela está agora desarmada, e não pode nos causar dano. Ela nos separou, de fato, deste corpo, por um instante; mas apenas para que possamos recebê-lo, novamente, mais glorioso. Assim como Deus disse uma vez a Jacó: *“Não tenha medo de descer ao Egito, porque eu irei contigo, e certamente o apresentarei novamente, portanto deixe-me dizer a todo que é nascido de Deus; Não tema descer ao tumulto; repouse sua cabeça no pó Porque Deus certamente o apresentará novamente, e isto de uma maneira mais gloriosa”*. Apenas *“esteja firme e inabalável, sempre abundante na obra do Senhor”*; e, então, deixe que a morte prevaleça sobre esta casa de barro, e a derrube; uma vez que Deus empreendeu reconstruí-la novamente, infinitamente mais bela, forte e útil.